



16° Congresso de Iniciação Científica

CAMINHOS POSSÍVEIS PARA AS INTERAÇÕES DIALÓGICAS DE UMA CRIANÇA COM DIFICULDADES ACENTUADAS PARA APRENDER: FOCALIZANDO O ESPAÇO ESCOLAR

Autor(es)

ADRIANA GARCIA DE AGUIAR

Orientador(es)

ANA PAULA DE FREITAS

Apoio Financeiro

FAPESP

1. Introdução

O presente estudo buscou compreender os caminhos possíveis para a inclusão escolar de uma criança que apresenta dificuldades acentuadas para aprender, especialmente no que se refere à dinâmica dialógica.

A linguagem aqui é discutida a partir das teses centrais de autores que fundamentam seus estudos na corrente do materialismo histórico dialético. Assim, nos reportamos às idéias de Vigotski (1995, 1998, 2000, 2001) e de Bakhtin (1995).

Na perspectiva histórico-cultural, a linguagem permite ao homem o acesso ao mundo, o conhecimento abstrato e a generalização dos objetos. E os significados são atribuídos pelo grupo social por meio da mediação.

Bakhtin (1995) acredita que a linguagem é inacabada e por ela as pessoas se tornam conscientes e agem sobre o mundo. Para o autor, nas relações dialógicas os sentidos são produzidos através da interação dos interlocutores nos diversos contextos possíveis. O diálogo não é apenas a informação por si só trocada pelos interlocutores. Ele expressa todo conteúdo ideológico ou vivencial nas relações. Assim, há muitas linguagens que refletem a experiência social, há vários modos de se falar.

Vigotski (1998) acredita que ao dominarmos a natureza dominamos a nós mesmos. E o pensamento é produzido através da interiorização da ação manifestada, do diálogo exterior. Portanto, durante o desenvolvimento, o que possibilita a interiorização é o aprendizado, que está sempre relacionado à interação social.

Sobre sujeitos com dificuldades de aprendizagem, Vigotski (1995) ressalta que a criança com deficiência, não é menos desenvolvida, mas se desenvolve de maneira diferenciada de uma criança normal. E que é a partir das dificuldades da criança que surgem os processos compensatórios, sendo que estes processos e o desenvolvimento dependem da realidade social da deficiência, das dificuldades provocadas, e das

condições sociais da criança.

Vários estudos têm procurado compreender aspectos da educação inclusiva, tais como, o papel da escola, aspectos do desenvolvimento de sujeitos com dificuldades acentuadas para aprender e a prática pedagógica (MONTEIRO, 1997, BATISTA E ENUMO, 2004, FERREIRA E FERREIRA, 2004, GÓES, 2004, KASSAR, 2004, SANCHES, 2005, SANT'ANA, 2005, PINTO E GÓES, 2006 e GLAT et al, 2007).

Segundo Monteiro (1997), as escolas, professores e instituições públicas têm buscado unir as forças para dar aos alunos especiais, o que lhes é de direito, porém ainda é preciso mais esforços e também estudos para mudar o que atualmente se encontra na prática.

Os autores, Ferreira e Ferreira (2004), acreditam que para um processo de inclusão a partir da realidade escolar nacional, faz-se necessário ter como referência a função social da escola estabelecendo então um plano de desenvolvimento escolar. Assim, a educação aos alunos com deficiência deve ter os mesmos significados e sentidos que ela tem para os demais alunos.

Também, os autores destacam que a perspectiva histórico-cultural concebe a escola como espaço privilegiado da nossa sociedade em prover na vida da criança e dos jovens experiências culturais significativas em atividades compartilhadas. Assim, pode-se elaborar outra concepção de deficiência na qual se coloca menos ênfase nos aspectos orgânicos e de constituição biológica da deficiência e mais ênfase nas relações sociais e na atenção educacional mais adequada.

Kassar (2004) ressalta, que as práticas pedagógicas e inserção do aluno com deficiência deve ter seu foco nas relações presentes dentro da sala de aula.

Em Góes (2004) ressalta-se que a maneira como ocorre a inserção do aluno na classe regular é precária de recursos, e são utilizadas metas educacionais empobrecidas. E aponta que uma solução seria investir nas capacidades desses alunos. É o que enfatiza também os autores Pinto e Góes (2006), acreditando que a criança deve ter a possibilidade, necessidade e direito de vivenciar experiências que a levam à ação criadora, sendo também dever do seu grupo social para com ela.

Glat et al (2007) apontam que para a Educação Inclusiva não há uma proposta de trabalho fechada, pronta, pois é um processo contínuo.

Sanches (2005) mostra exemplos de estratégias para se construir classes inclusivas, no qual se poderá ter realmente a diferenciação pedagógica inclusiva. São elas: trabalho corporativo, no qual há a organização de trabalho em pequenos grupos; a parceria pedagógica; a aprendizagem com os pares; o agrupamento heterogêneo, em que professor e alunos aprendem a assumir suas diferenças e respeitar a dos outros; e o ensino efetivo adaptado às suas necessidades dos alunos com dificuldades acentuadas para aprender e desenvolvido em conjunto com seus colegas.

Sobre as dificuldades encontradas para a realização do ensino inclusivo, Sant`Ana (2005) aponta a falta de formação dos professores, considerando ser importante para os professores, dar continuidade nos estudos e o desenvolvimento profissional.

Para, Batista e Enumo (2004), o processo de inclusão/ interação das crianças com deficiências na escola permite que as interações sociais ocorram naturalmente em diferentes situações, no qual adquirem conhecimento e se desenvolvem.

2. Objetivos

O estudo teve como objetivo compreender como educadores organizam as atividades propostas para a sala de aula inclusiva que possui crianças com dificuldades acentuadas para aprender, e analisar se as atividades propostas pelos educadores mostram-se como caminhos possíveis para a relação dialógica.

3. Desenvolvimento

Este estudo fundamenta-se, do ponto de vista metodológico, na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, que permite a análise qualitativa e a compreensão do processo social da constituição do sujeito mediado pela linguagem.

Ao se orientar na idéia de compreender processos, o estudo, assume como forma de análise, o que se denomina de análise microgenética. Góes (2000) a define como uma forma de construção de dados que requer a atenção a detalhes e o recorte de episódios interativos. A análise é associada ao uso de videogravação e à atividade de transcrição.

O estudo foi realizado em uma escola de educação infantil (EMEI) localizada em uma cidade de porte médio do interior do Estado de São Paulo. A criança aqui estudada é L., uma garota de 06 anos de idade, filha única. Frequenta a EMEI desde fevereiro de 2006. Segundo relato da mãe, a criança apresenta a Síndrome de Doose (Epilepsia Mioclônico Astática).

Os dados foram coletados semanalmente, entre os meses de setembro e dezembro de 2007 e entre março e junho de 2008. Foram construídos mediante vídeo-gravações de situações que ocorreram em sala de aula: atividades pedagógicas e brincadeiras livres. As situações de sala de aula observadas fazem parte da rotina escolar. Posteriormente às filmagens, os dados filmados foram transcritos ortograficamente e organizados para a análise. Foram selecionados episódios, que trazem indícios sobre os caminhos possíveis para a inclusão de L. no contexto escolar e sobre as possibilidades dialógicas da criança com seus pares e educadores. Assim, foram estabelecidas quatro categorias de análises: as atividades; a criança e a monitora; a criança e a professora; e a criança e os colegas.

4. Resultado e Discussão

Os dados mostram que a maior parte das atividades tais como, desenho, pintura, colagem, brincadeiras e narrativas são realizadas por L., com o acompanhamento da monitora, porém, poderiam ser exploradas no sentido de desenvolvimento da linguagem e também das capacidades simbólicas e imaginativas conforme apontado por Góes (2000) e Pinto e Góes (2006). As atividades eram prontas e muitas vezes, realizadas de forma descontextualizada, enfatizando o trabalho repetitivo, e em nenhum momento foram propostas atividades elaboradas em grupo, como é apontado por Sanches (2005) como um dos caminhos para ocorrer a inclusão. Nas relações com a monitora, observa-se que L. é impossibilitada de realizar suas ações, em razão da monitora, em vários momentos, realizar a tarefa pela criança. Também as ações da aluna são trabalhadas por meio de incentivos, demonstrando que a monitora acredita que a aprendizagem é um comportamento que se aprende, conforme apontado por Fontana e Cruz (1997). E ainda é proposto o conhecimento de maneira descontextualizada, o que de acordo com Silva (2006), não possibilita a troca de experiências vividas.

Com a professora, L. mantém pouca interação, em virtude da criança permanecer sob os cuidados da monitora. A professora transfere sua função para outros alunos, como, por exemplo, guardar os brinquedos que ela usou. L. permanece em vários momentos sozinha, sem a intervenção da professora. Na perspectiva histórico-cultural (VIGOTSKI, 1998, 2000, 2001), a mediação do outro na relação com a criança é de fundamental importância para o desenvolvimento da linguagem. Conforme aponta Glat et al (2007), espera-se que o professor tenha o olhar para o aluno em outra dimensão, acreditando que ele é capaz de aprender mesmo com suas limitações. Ele deve ser flexível e criativo, elaborando várias alternativas de ensinar. Os colegas de L. pouco se aproximam dela. Pode-se pensar que seja pelo fato de L. receber um tratamento diferenciado em sala de aula, por estar sempre com a monitora. Isto pode contribuir para que seus colegas se afastem dela, não reconhecendo nela um parceiro. Os autores, Glat et al (2007), ressaltam que a aceitação das diferenças pelo grupo é aspecto fundamental para a inclusão. E para isso, o professor

na sala de aula deve mediar o diálogo sobre as diferenças uns dos outros e a deficiência sensibilizando a todos para a aceitação do outro.

5. Considerações Finais

Com este estudo foi possível concluir que as atividades realizadas em sala de aula, as intervenções da monitora e da professora e a interação com os colegas pouco contribuem para a real inclusão de L. na escola regular e para o desenvolvimento de suas capacidades dialógicas.

Sobre os caminhos possíveis para a inclusão escolar de L., concluiu-se que ainda se faz necessário uma capacitação para os educadores, conforme apontam os autores Sant`Ana (2005) e Glat et al (2007), uma vez os professores e monitores aqui enfocados demonstram não acreditar nas possibilidades de desenvolvimento de L. e, acabam propondo atividades individualizadas e diferenciadas. É preciso que haja a necessidade da abertura de novas propostas de trabalhos, que possibilitem atividades em grupo, permitindo que a inclusão realmente aconteça, como é ressaltado na literatura por Sanches (2005).

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BATISTA, Marcus Welby; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. **Inclusão escolar e deficiência mental: análise da interação social entre companheiros**. Estudos de Psicologia. (Natal). Abril 2004, vol.9, no.1, p.101-111. ISSN 1413-294X.

Disponível em: Acesso em 26 jun 2008.

FERREIRA, Maria Cecília Carareto; FERREIRA, Júlio Romera. Sobre Inclusão, Políticas Públicas e Práticas Pedagógicas. In: GÓES, Maria Cecília Rafael De; LAPLANE, Adriana. Lia F. (Orgs). **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva**. Campinas: Autores Associados, 2004.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual Editora, 1997.

GLAT, Rosana et al. Estratégias Pedagógicas para a inclusão de alunos com deficiência mental no ensino regular. In: GLAT, Rosana. **Educação Inclusiva: Cultura e Cotidiano Escolar**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2007, p. 79-96.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. **A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet**. Educação e Sociedade, Julho 2000, vol.21, no.71, p.116-131. ISSN 0101-7330. Disponível em: Acesso em: 26 jun. 2008.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. In **Caderno Cedes**, ano XX, nº 50, 2000, p.9-25.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. Desafios da Inclusão de Alunos Especiais: a escolarização do aprendiz e sua constituição como pessoa. In: GÓES, Maria Cecília Rafael De; LAPLANE, Adriana. Lia F. (Orgs). **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva**. Campinas: Autores Associados, 2004.

MONTEIRO, Maria Inês Bacellar. A interação de crianças com Síndrome de Down e outras crianças na pré-escola comum e especial. In: MANTOAN, Maria Teresa Egler (Org.). **A integração de pessoas com deficiência**: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Senac, 1997, p. 109-112.

PINTO, Gláucia Uliana and GÓES, Maria Cecília Rafael de. **Deficiência mental, imaginação e mediação social**: um estudo sobre o brincar. Revista Brasileira de Educação Especial. Abril 2006, vol.12, no.1, p.11-28. ISSN 1413-6538. Disponível em: . Acesso em: 26 jun. 2008

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Matrículas de Crianças com necessidades educacionais especiais na rede de ensino regular: do que e de quem fala? In: GÓES, Maria Cecília Rafael De; LAPLANE, Adriana. Lia F. (Orgs). **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva**. Campinas: Autores Associados, 2004.

SANCHES, Isabel. Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação acção à educação inclusiva. In: **Revista Lusófona de Educação**, nº 5, 2005, p. 127-142.

SANT'ANA, Izabella Mendes. **Educação inclusiva**: concepções de professores e diretores. Psicologia em Estudo, Ago 2005, vol.10, no.2, p.227-234. ISSN 1413-7372. Disponível em: .. Acesso em: 30 dez. 2007

SILVA, Luciene M. da. **O estranhamento causado pela deficiência**: preconceito e experiência. Revista Brasileira de Educação Especial, Dez 2006, vol.11, no.33, p.424-434. ISSN 1413-2478. Disponível em: . Acesso em: 29 dez. 2007

VYGOTSKY, Lev. Semynovytch. **Obras Completas**: Fundamentos de Defectologia. Cuba: Pueblo Y Educación, 1995.

_____ **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____ **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____ **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.